

HIATO DE GÊNERO NO DESEMPENHO EM MATEMÁTICA: O caso de Belo Horizonte.

Viviene Adriana Xavier¹

RESUMO

Este artigo desdobra-se de uma parte da pesquisa de mestrado, onde busco analisar os modos pelos quais o gênero atravessa e é incorporado no discurso pedagógico, buscando investigar como os docentes compreendem as diferenças de gênero no comportamento de meninos e meninas no espaço escolar, partindo da compreensão que os professores são indivíduos que ao desempenhar seu papel carregam todos os valores e crenças a respeito dos papéis de gênero, desse modo podem reforçar ou desconstruir expectativas quanto a esses papéis. Meu campo de pesquisa foi constituído por seis professores de Matemática do 9º ano da rede estadual de Belo Horizonte, com os instrumentos utilizados foi possível analisar, a partir da análise do conteúdo do discurso destes docentes, como o comportamento de meninos e meninas é interpretado em lugares diferenciados e hierarquizados, constituindo-se assim relações de poder que classificam e significam essas posições. A pesquisa que originou este artigo teve como objetivo mapear e comparar as escolas públicas estaduais de ensino fundamental em Belo Horizonte quanto ao hiato de gênero, em relação ao desempenho em Matemática, utilizando os micro dados produzidos pelo Saeb, especificamente a Prova Brasil de 2005 a 2015. A análise do desempenho em Matemática indica que do 5º para o 9º ano existe uma diferença crescente do hiato de gênero, sendo assim o 9º foi anteposto neste estudo. Estas escolas (121) foram classificadas a partir dos resultados encontrados ao longo das edições construindo assim uma trajetória destas escolas. A fim de se construir uma trajetória das escolas que possibilitasse compreender o hiato de gênero no desempenho em Matemática, definiu-se então um critério para a análise desta diferença, que será apresentado a seguir: a trajetória 1 favorável aos meninos, a trajetória 2 considera a da equidade por ser a de menor diferença entre meninos e meninas, neste trabalho será considerada a trajetória desejável e a trajetória 3 favorável às meninas. Hiato, neste estudo, será apresentado como a diferença do desempenho médio por escola entre meninos e meninas.

Palavras – chave: Estudos de gênero; Matemática; Educação escolar.

As mulheres acumularam ao longo de séculos, conquistas históricas. No século 19 ainda buscavam acesso à educação e, hoje, são maioria nas universidades e possuem maior nível de escolaridade do que os homens. No campo educacional, a respeito da equidade entre homens e mulheres, Beltrão e Alves (2009) afirmam que

Sem dúvida existem diferenças expressivas entre a escolaridade das mulheres e dos homens brasileiros. Durante cerca de 450 anos, o trato de gênero na educação brasileira favoreceu os homens. Mas, na segunda metade do século XX, houve uma reversão do trato de gênero e as mulheres ultrapassaram seus congêneres masculinos em termos de anos médios de escolaridade. (p.139)

Na década de 1960, os homens tinham escolaridade média de 1,9 ano e as mulheres 1,7 ano. Já na década de 2000, as mulheres chegaram a 5,5 anos e os homens não passaram de 5,1 anos. Do ensino fundamental ao superior, no que concerne ao acesso, à permanência, à frequência escolar, à média de anos de estudos e a outros aspectos, a virada do hiato de

¹ Mestranda em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

gênero foi favorável às mulheres.

Segundo Rosemberg e Madsen (2011) “no Brasil, a expressão consagrada tem sido hiato de gênero apesar de, conceitualmente, ser mais apropriada a expressão hiato de sexo por lidar com variáveis que buscam captar o sexo biológico entre as duas opções de resposta” (p.392). O hiato de gênero compara diferenças entre os indicadores educacionais de homens e de mulheres, seu oposto, e o desejável, seria a paridade de oportunidades.

Contudo paradoxalmente, quando comparadas com os homens nos resultados do desempenho em Matemática, nota-se uma inversão a favor destes (ANDRADE; FRANCO; CARVALHO, 2003; SOARES et al., 2012). Compreender a diferença no desempenho em Matemática entre meninos e meninas, guarda uma relação importante com o modo como consolidou no senso comum de que para se ter sucesso em Matemática, exige-se um nível de inteligência superior.

Walkerdine (2007) ao analisar a proeminência da Matemática na atualidade no espaço escolar, bem como o sucesso na Matemática é socialmente aceito como uma expressão de desenvolvimento do pensamento lógico e racional, afirmar que

[...] é axiomático para a visão de aprendizagem da Matemática que se tornou dominante em escolas primárias, que o sucesso apropriado está baseado no domínio de conceitos voltados a uma modalidade de prática destinada a promover e produzir ‘compreensão real’: conhecimento proposicional, compreensão relacional, e assim por diante, aprender por meio de atividades, não decorar tabelas. O sucesso na Matemática é tomado como uma indicação do sucesso em raciocinar. (p. 12).

Nesse cenário, onde a Matemática é considerada como o instrumento mais eficaz para se ter sucesso tanto no espaço escolar quanto fora dele torna-se relevante perguntar como os docentes, sujeitos que estão na linha de frente do processo educacional, compreendem a diferença no desempenho em Matemática entre meninos e meninas.

Walkerdine (1995), a partir de uma investigação produzida na Inglaterra, apresenta as diferenças no discurso dos professores ante a diferença de gênero no desempenho em Matemática, para esses docentes o comportamento dos meninos quanto ao desempenho inferior na disciplina, era entendido como a não realização do seu potencial, já as meninas quando possuíam um bom desempenho em Matemática, este era atribuído ao seu esforço.

Silva (1999) em estudo com docentes da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul,



Secretaria Executiva do FNPE

SCS Quadra 01 Bloco I - Sala 801- Edifício Central CEP: 70301-000 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3223-0763
www.fnpe.com.br / <https://www.facebook.com/ConferenciaNacionalPopular/conape2018@gmail.com>

identificou que professoras e professores possuem uma postura contraditória diante do desempenho escolar das meninas e dos meninos. Apresenta que as meninas são percebidas como responsáveis, organizadas, estudiosas, sossegadas, caprichosas, atentas, contudo menos inteligentes e os meninos como “agitados, malandros, dispersivos, indisciplinados, mas inteligentes” (p. 215).

Carvalho (2001) em um de seus estudos discute os critérios de avaliação escolar adotados pelos docentes do município de São Paulo, diante da diferença do desempenho escolar entre meninas e meninos, a autora identifica que professoras e professores possuem uma postura ambígua quando interrogados sobre a diferença de desempenho. Por considerarem que as características ligadas ao universo masculino eram menos questionadas no espaço escolar, do que as ligadas ao feminino.

Os seis professores entrevistados possuem formação superior em Matemática e nenhum possui pós-graduação *lato senso*, apenas 1 docente iniciou o curso de Mestrado, mas não concluiu. Todos possuem uma larga experiência profissional na docência, apenas 1 docente atua na condição de servidora designada da rede estadual, os outros 5 são servidores concursados.

O que podemos verificar com base nas entrevistas, foi como a percepção social da construção do sexo acaba por influir decisivamente sobre o desempenho escolar. Ao apresentar as justificativas de diferenças de desempenho em Matemática os docentes interrogados estão envolvidos com a produção de uma hierarquia de gênero, que é legitimada e reiterada pela superioridade do masculino sobre o feminino. Questionados como percebem as diferenças na forma como meninos e meninas se relacionam com a Matemática, e em quais momentos isso ocorre.

Ao serem questionados sobre a forma como meninos e meninas se relacionam com a Matemática, por exemplo a Professora da Escola 3 (Trajetória 2) afirma haver uma diferença entre alunos e alunas, opinião, dividida com a Professora da Escola 1 (Trajetória 1), o Professor da Escola 2 (Trajetória 1) e o Professor da Escola 6 (Trajetória 3). Já a Professora da Escola 4 (Trajetória 2), diz não haver diferença alguma na forma como alunos e alunas apreendem o conhecimento em matemática; por sua vez o Professor da Escola 5 (Trajetória 3) afirma que a diferença de aprendizagem entre meninos e meninas não seria relevante.



O que já de início podemos verificar é que quando confrontados com os dados da Prova Brasil, os entrevistados têm dificuldade em sustentar o argumento de uma suposta isonomia ou não incentivo escolar a um sexo. Portanto ao apresentarem suas as justificativas de diferenças de desempenho em Matemática os docentes interrogados deixam transparecer, diretamente ou mesmo indiretamente, o quanto estão envolvidos com a produção de uma hierarquia de gênero, que em nossa sociedade é legitimada e reiterada pela superioridade do masculino sobre o feminino.

As práticas docentes apresentadas nos relatos, evidenciam como estas práticas estão implicadas com a produção de determinados “jeitos” de ser menino e menina legitimados e desejados no tempo presente em nossa sociedade, e com a produção de hierarquias no que se refere ao desempenho escolar. As diferenças de gênero, constantemente referidas, sejam significadas como naturais ou não, devem ser entendidas como produtos de um processo de diferenciação dos meninos das meninas, contudo também entre meninos e entre meninas.

Em que pese o contexto social aparecer muito na narrativa dos professores, apenas duas professoras (Escola 1 e 3) fazem referência explícita ao contexto familiar de seus alunos, como espaço fora dos limites da escola que tem impacto na aprendizagem de meninos e meninas. No caso das duas professoras o que é retirado é a ausência da família no apoio a escola, concebendo a escola, bem como suas práticas, superiores às familiares.

Nestes relatos, os professores deixam transparecer como a sua percepção das relações de gênero se fazem presentes dentro do universo escolar: na composição de grupos de estudo, na escolha da carreira profissional, na organização do próprio material, na diferença do desempenho escolar.

No entanto é o comportamento dos alunos, de ambos os gêneros, que se apresenta como o fator preponderante para avaliar e classificar. Ou seja, o bom comportamento é associado ao bom desempenho tanto de meninos quanto de meninas, assim fica estabelecida a tensão entre os comportamentos considerados ‘adequados’ e os ‘inadequados’.

No cerne desse discurso, os professores apresentam adjetivos ao comportamento feminino para justificar o desempenho das meninas, que posicionam as mesmas em um determinado lugar social no espaço escolar. O desempenho é explicado a partir do



comportamento as meninas: fofocam, gritam, brigam agarrando-se pelos cabelos, reiteram, assim a ideia de uma essência feminina.

Portanto quando os docentes percebem diferenças na forma como meninos e meninas se relacionam com a Matemática e atribuem uma negatividade ao comportamento feminino para justificar o desempenho das meninas, posicionam as mesmas em um determinado lugar social no espaço escolar.

O desempenho é explicado a partir do comportamento: as meninas são naturalmente tranquilas, tímidas e vaidosas e os meninos predestinados a serem atirados, brincalhões e brutos. O discurso docente destina lugares sociais diferentes para meninos e meninas.

Scott (1995) contribuiu para problematizar a categoria gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e sendo um modo de significar relações de poder, enquanto categoria analítica vendo assim como as identidades são construídas historicamente através dos discursos e como os diferentes sentidos são atribuídos à diferença sexual.

Para Walkerdine (2007) a diferença desse desempenho de meninos e meninas possui relação com a maneira como ambos internalizam e naturalizam seus papéis sociais, enfatizam que expectativas relacionadas a funções sociais supostas, típicas de meninos e meninas, desempenham papel importante no processo social de construção de diferenças de desempenho em matemática.

Nessa perspectiva a diferença no desempenho entre gêneros não está pautada em capacidades cognitivistas, sua base possui relação com os arranjos sociais. Uma outra interpretação possível seria a perspectiva cognitiva, Souza e Fonseca (2010) a criticam por considerar que essa visão corrobora com a ideia de que as mulheres possuem desempenho inferior ao dos homens em Matemática, porque possuem habilidades menores no desenvolvimento do pensamento lógico e matemático.

O que podemos perceber de forma inequívoca nas entrevistas acima é como o estereótipo de gênero acaba por reforçar em sala de aula a atenção dispensada aos alunos. Meninos vistos como mais atirados, ousados recebem mais atenção dos professores de ambos os sexos e são incentivos por alguns deles a exercerem futuramente, ofícios ligados à



exatas como as engenharias.

Faz-se notar, que até mesmo atividades criminosas são positivadas, citadas como expressão de ousadia. O que poderia, na opinião de alguns professores facilitar a aprendizagem da matemática. Já as meninas, apresentariam baixo rendimento nas exatas, não em razão de uma visão que privilegia o sexo masculino em detrimento do feminino, mas por elas serem “naturalmente “instáveis, dispersas, interessadas na conquista, preocupadas em conversas com as colegas ou em mensagem de texto. Visão essa que acaba por reafirma uma hierarquização na transmissão do conhecimento que acaba por se refletir nas avaliações de ensino, como a Prova Brasil.

O corpo das meninas é interrogado, interpelados. São corpos matemáticos capazes de aprender? Butler (1999) nos coloca essa aponta a partir de uma nova perspectiva teórica e filosófica, onde essa educação dos corpos, de meninos e meninas, menos que por vezes sutil, discreta e continua é quase sempre eficaz e duradoura, mas esses corpos não se conformam completamente as normas a que são impostos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. T. G.; SOARES, J.F.; XAVIER, F.P. Desigualdades Educacionais no Ensino Fundamental de 2005 a 2013: hiato entre grupos sociais. Revista Brasileira de Sociologia, vol. 04, n. 07, jan. / jun. 2016. Disponível em: < <http://www.sbsociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/view/150/92>>.

ANDRADE, M.; FRANCO, C.; CARVALHO, J. P. Gênero e Desempenho em Matemática ao Final do ensino Médio: quais as relações? Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, n. 27, p.77-96, jan. / jun. 2003.

BELTRÃO, K., ALVES, J.E.D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. Cadernos de Pesquisa, FCC, São Paulo, V. 39, n. 136, jan. /abr. 2009, p. 125-156.

BUTLER, J. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

CARVALHO, M. P. Mau aluno, boa aluna?: como as professoras avaliam meninos e meninas. Rev. Estud. Fem. 2001, vol. 9, n.2, pp.554-574.

LOURO, G. L. Educação e Gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino. In: Reestruturação Curricular: teoria e prática no cotidiano escolar. Petrópolis: Vozes, 1995. p.172-182.

ROSEMBERG, F.; MADSEN, N. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil Contemporâneo. In: O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010 / Organização: Leila



Secretaria Executiva do FNPE

SCS Quadra 01 Bloco I - Sala 801- Edifício Central CEP: 70301-000 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3223-0763
www.fnpe.com.br / <https://www.facebook.com/ConferenciaNacionalPopular/conape2018@gmail.com>

Linhares Barsted, Jacqueline Pitanguy – Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011. p.390-431.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, C. D. Meninas bem-comportadas, boas alunas, meninos inteligentes, mas indisciplinados. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 107, p. 207-225, julho 1999

SILVA, T. T. da. As relações de gênero e a pedagogia feminista. In: Silva, T.T. Documentos de identidade. Belo Horizonte: Autentica, 199, p. 91-98.

SOARES, J. F.; FONSECA, I. C.; ALVARES, R. P.; GUIMARÃES, R. R. M. Exclusão Intraescolar nas escolas públicas brasileiras: um estudo com dados da Prova Brasil 2005, 2007 e 2009. Debates ED, v. 4, pgs. 1-77, 2012

SOUZA, M.C.R.F.; FONSECA, M.C.F.R. Relações de gênero, Educação Matemática e discurso: enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte, autêntica, 2010.

WALKERDINE, V. O raciocínio em tempos pós-modernos. Educação e Realidade, Porto Alegre, n.20, v.2, p. 207-26, jul. / dez. 1995.

WALKERDINE, V. Ciência, Razão e a Mente Feminina. In: Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 32, n.1, p. 07-24, jan. / jun. 2007.



Secretaria Executiva do FNPE

SCS Quadra 01 Bloco I - Sala 801- Edifício Central CEP: 70301-000 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3223-0763
www.fnpe.com.br / <https://www.facebook.com/ConferenciaNacionalPopular/conape2018@gmail.com>